

## INTRODUÇÃO

*“Pode chegar, freguesia!”*  
*Júlio Bernardo – Dias de Feira.*

Desde o momento em que decidimos pelo estudo das feiras de confecção e ao socializar e discutir o tema de nosso trabalho com amigos, professores, colegas de estudo e até mesmo interessados, constatávamos que este era um tema próximo às pessoas. Assim, quer fosse numa roda de conversa, quer quando da apresentação de algum trabalho em grupos de estudo, o assunto ganhava destaque por meio do relato de um amigo, um parente, um vizinho ou, ainda, um conhecido, que revelava, de algum modo, ter proximidade com a estrutura da produção, distribuição da confecção popular ou a dinâmica do comércio e consumo no espaço da feira.

Os relatos, de pronto, nos mostravam os espaços percorridos, as diversas ações exercidas conforme as distintas funções e tarefas (costureiras, modeladoras, cortadores, feirantes, vendedores, carregadores, montadores e sacoleiras), dentre vários outros detalhamentos que esperamos privilegiar no corpo deste texto. Nesses momentos, percebíamos a notoriedade que o trabalho tinha perante interesse das pessoas, pois tocava de algum modo à realidade vivida que era partilhada generosamente conosco. Isso evidenciava a feira como dimensão do espaço vivido por trabalhadores ocupados na atividade de produzir e comercializar confecção de modo autônomo. Nesse sentido, adotamos o comportamento de

acolher informalmente esses relatos dotados de grande riqueza, numa atitude tal qual feirante atento ao movimento de pessoas que circulam na feira, acolhendo cada uma com um simples dizer: “Pode chegar freguês! Pode chegar freguesa! Fique à vontade, posso ajudar?”.

Foi com suporte nessas experiências vividas e sob a reflexão teórica associada aos ensaios de pesquisa que já abordavam o tema da feira, em nossa dissertação de mestrado, que despertamos para novos pontos que nortearam a tese, ora exposta. Partimos da hipótese central de que há uma metamorfose das tradicionais feiras nordestinas no período contemporâneo, haja vista o aumento expresso do comércio da confecção popular nas feiras livres. Entendemos que essa dinâmica contemporânea da feira livre forja novas geografias no Nordeste brasileiro com a intensificação dos fluxos de comercialização, formação de centralidades e/ou a reafirmação de antigas, proporcionando uma opção para muitos trabalhadores autônomos e pequenos fabricantes comercializarem seus produtos.

Malgrado a relação conflituosa da feira com o espaço urbano, este, ao buscar enquadrar aquela em consonância com a norma urbana, encontra o embate de interesses, por vezes, entre os comerciantes fixos ou, ainda, pela ocupação do espaço público, pois essa configuração de comércio promove grande fluxo por várias ruas em áreas centrais, fazendo com que o espaço da feira seja questionado. Essa situação levou algumas cidades nordestinas à instalação de centros de comércio popular voltados exclusivamente para esse fim. Nosso foco de estudo, no entanto, primou pela feira livre, haja vista a essência desse tipo de comércio, caracterizado pelas vendas de rua, ou seja, o uso do espaço público urbano como condição de sobrevivência para grande parcela dos trabalhadores autônomos. Inferimos a ideia de que essa metamorfose da feira não está dissociada do processo de modernização que sucedeu por meio das mudanças na divisão territorial do trabalho no Nordeste brasileiro nas últimas décadas.

A feira livre passa, desde os anos 1970, por mudanças significativas quanto ao seu conteúdo, antes marcado pelo predomínio de mercadorias, provenientes de áreas rurais; e, também, pela inserção de artigos industrializados de baixo valor agregado, a exemplo dos utensílios domésticos feitos de material plástico que pouco a pouco passaram a predominar sobre o artesanato utilitário também característico das feiras tradicionais.

Compreende-se que o fenômeno de expansão do comércio de confecção nas feiras livres não é apenas local, mas tem abrangência regional. Desse modo, elegemos, como objeto de estudo, as feiras de Apazível, em Sobral, Ceará; de Caruaru, Pernambuco, e a feira de Serrinha, na cidade de mesmo nome, no

Estado da Bahia. A escolha dessas três feiras, todas situadas em distrito e cidades no interior da região Nordeste, justifica-se pela relevância e representatividade dessas formas de comércio, embora ocorridas em momentos distintos, atualmente, marcadas pela intensiva inserção de produtos da indústria da confecção de vestuário e acessórios.

Essas feiras foram por nós escolhidas considerando aspectos comuns entre elas, e, ao mesmo tempo, os distintos contextos em que foram formadas. Situam-se em três estados nordestinos (Ceará, Pernambuco e Bahia), permitindo uma análise regional. As feiras de Caruaru e Serrinha são tradicionais, ocorrem nas sedes de suas cidades e tiveram como origem o abastecimento local e regional, enquanto a feira de Aprazível é mais recente, pois data dos anos de 1990, e já surgiu em função da venda da confecção popular. Antes funcionava na Sede do Município de Sobral, transferindo-se para o mencionado Distrito, no final dessa mesma década.

Vale destacar o fato de que, inicialmente, tínhamos a intenção de pesquisar a feira de Feira de Santana/BA, em razão de ser esta uma cidade que se originou de uma feira de gado, porém, ao efetuarmos a primeira visita de campo, deparamos um contexto diferente daquele que havíamos pensado, pois a feira tradicional já não existia. Com o crescimento da cidade, a feira foi removida, ainda nos anos de 1970, para um Centro de Abastecimento, embora ainda haja no antigo local, na rua Sales Barbosa, ao lado do mercado tradicional da Cidade, um comércio de rua representativo, marcado pela grande quantidade de barracas de confecção. Em conversas com os comerciantes de confecção nessa rua do Centro de Feira de Santana, confirmamos a relevância da feira da Serrinha, cidade distante 70 quilômetros, haja vista que muitos comerciantes também comercializam ali. Em um curto tempo, uma típica feira de abastecimento regional se transformou, no decorrer do tempo de pesquisa, em uma feira especializada em barracas de confecção, tendo um papel relevante de centro distribuidor, atraindo feirantes e compradores que extrapolam os limites de sua região de entorno.

Uma realidade expressa para quem intenta trabalhar utilizando mais de um exemplo, como objeto de pesquisa, é a perspectiva de um trabalho comparativo. Haja vista, entretanto, a diversidade de feiras, e, ao nos voltarmos para o estudo de três casos, buscamos não nos prender apenas a uma análise comparativa, mas também revelar as particularidades e generalidades com amparo nos exemplos estudados. Optamos por uma escala geográfica de análise que, em determinado momento, se deteve sobre as particularidades das feiras de confecção e, noutras ocasiões, visamos às generalidades sobre a produção confeccionista e o papel

exercido no contexto do processo produtivo regional e suas articulações escalares com a economia, política e cultura global.

A pesquisa, ora apresentada, teve por objetivo geral o estudo das metamorfoses ocorrentes nas feiras nordestinas, com a explosão da comercialização de artigos de confecção na feira livre. Assim, procuramos apreender a essência dessas transformações na perspectiva da produção do espaço decorrente da relação entre produção, distribuição, comercialização e consumo da confecção popular. De modo mais específico, os objetivos foram: identificar os circuitos de produção, distribuição e comercialização das confecções vendidas nas feiras; detectar a área de abrangência e a atuação espacial das feiras em seu alcance espacial máximo e mínimo; estabelecer perfis socioeconômicos dos feirantes; apreender as modalidades de precarização do trabalho com a atividade de produção e comercialização da confecção na feira; detectar os modos de organização e funcionamento das feiras estudadas e seus conflitos com a norma urbana, ocasionados pelo fluxo de compradores, feirantes e mercadorias no ambiente da feira e, finalmente, detectar como as feiras estudadas se articulam com outras, constituindo redes.

Assim, quando pensamos o comércio da confecção popular na feira, entendemos que esta não basta em si, pois é preciso retomar o processo anterior, ou seja, a produção da confecção. Harvey, comentando os *Grundrisse* de Marx, ressalta que “[...] o capital só pode ser entendido como uma ‘unidade de produção e realização’ de valor e mais-valor.” Para o autor, isso quer dizer que se não podemos “[...] vender no mercado aquilo que foi produzido no processo de trabalho, então o trabalho incorporado mediante a produção não tem valor algum.” (HARVEY, 2014, p. 9).

A análise das feiras tem uma longa tradição nos estudos geográficos, embora mude o contexto em que esta se expressa e suas maneiras de apropriação. Por isso, é necessário explicar a complexidade das mudanças que ocorrem no espaço das feiras nordestinas no período atual. Entendemos que o potencial explicativo deste estudo ocorre pela capacidade de compreensão da realidade nordestina, no que tange ao contexto de reestruturação produtiva e intensa apropriação do trabalho precário na produção e comercialização da confecção popular. A lógica contraditória do capitalismo, que se reestrutura com a liberalização da força de trabalho do chão da fábrica, promove a ocorrência de uma produção difusa em pequenas unidades produtivas, seguida da comercialização que, por conseguinte, vão requerer novos espaços ou, ainda, recuperam *locus* de comércio tradicionais, no caso, a feira.

Do ponto de vista do método, e tratando das proposições teórico-metodológicas deste trabalho, clarificamos o caminho seguido na formulação da pesquisa. Para compreendermos mais profundamente a realidade exposta pela expressividade do comércio da confecção popular nas feiras nordestinas, apoiamos-nos no princípio da totalidade, entendendo não como a totalidade da realidade, haja vista que seria impossível, mas considerando-a como um todo orgânico, pois não se pode entender um só elemento sem que ele esteja relacionado ao todo (LÖWY, 2010). Assim, partindo, da compreensão de que “[...] não existem princípios eternos, nem verdades absolutas [...]” (p. 16), foi que procuramos relacionar a realidade da feira de confecção nordestina com a dinâmica e transformação da vida econômica, social e política no período atual.

Com o objetivo de darmos conta de nossas proposições, partimos de uma reconstituição conceitual e histórica da feira como instituição, entendendo que esta elaboração pode revelar ou ocultar elementos importantes, e isso depende, é claro, do referencial teórico escolhido para reafirmar a hipótese de trabalho. Lançamos mão também de outros pressupostos teóricos para embasar nossa análise da dinâmica e estrutura das feiras, como concreção, ou seja, como concreto pensado em suas múltiplas determinações. Nesse sentido, o método se encaminhou pela abordagem do Materialismo Histórico Dialético. Como salienta Netto (2011), entretanto, procuramos nos esquivar das orientações que criam deformações no pensamento marxiano, a exemplo da predominância do fator econômico como determinante em relação a outros componentes como o social e o cultural. Esse autor, referenciando-se na discussão teórica marxiana, nos adverte para a noção de que o conhecimento teórico é “[...] o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva.” (NETTO, 2011, p. 20). Foi assim que pensamos teorizar nosso objeto – a feira de confecção. Lefebvre (2008, p. 36) também nos adverte para o fato de que existem “[...] vários métodos, várias abordagens no que concerne ao espaço, e isso a diferentes níveis, de reflexão, de recorte da realidade objetiva”. Haja vista a diversidade de abordagens de análise do espaço da feira, reafirmamos a opção pelo método há pouco exposto, sem negar outras possibilidades de olhar e abordar a feira livre.

A apreensão do fenômeno que pretendemos estudar, ou seja, o nosso objeto de pesquisa, foi sendo constituído à medida que nos aproximávamos da realidade e entrávamos em contato com ela, pois, como anota Carlos (2001, p. 8), “Somente a vivência na área de pesquisa, o entendimento do cotidiano das pessoas que aí vivem, seus anseios e angústias, permitem ao pesquisador vislumbrar as outras

dimensões do fenômeno estudado”. Foi desse modo que ganhamos a rua, indo para o meio da feira, em trabalhos de campo, observando o movimento de feirantes e compradores, passando por corredores de barracas repletos de cabides expositores de roupas ou, ainda, por entre manequins vestidos, enfileirados ou pendurados nas barracas, rodopiando mediante os esbarrões dos transeuntes. Desse modo, fomos ao encontro dos feirantes, carregadores, vendedores e sacoleiros. Por meio de tal ação, intentamos nos apropriar do universo da feira, da dimensão do trabalho, das práticas cotidianas, desgastes, corrosões, falas, do tempo tomado para a produção e venda de confecção na barraca, dos deslocamentos de feira em feira, de cidade em cidade. Nesse sentido, acompanhamos os percursos realizados pelos feirantes, ou seja, de uma cidade a outra, estando a cada dia em um lugar diferente e observando, a cada momento, a montagem das barracas, que ocorre sempre nas madrugadas, a arrumação das mercadorias, dos expositores, o estendimento das lonas coloridas para proteger as mercadorias do sol e da chuva. Esse acompanhamento também visou ao final das feiras, registrar o rito de desmontar a estrutura das barracas, dobrar a lona, recolher, conferir e reembalar as mercadorias em fardos, pondo-os, novamente, a caminho para outra cidade, outro público. O acompanhamento desses percursos nos deu a dimensão dos espaços vividos por essas pessoas que labutam todos os dias para sobreviver do comércio na feira.

Compondo a metodologia de pesquisa, foram aplicados 30 questionários em cada uma das feiras estudadas. Seguiu-se a distribuição aleatória das barracas de comércio de confecção, usando como critério as seguintes tipologias de confecção vendida: 1. Modinha; 2. *Jeans*; 3. Moda íntima; 4. Cama e mesa; e 5. Moda infantil. Como parte de nossa empreitada metodológica, lançamos mão da aplicação de entrevistas com feirantes e representantes de associações de feirantes, além de representantes do Poder Público Municipal e de várias entidades (SEBRAE/CE, SEBRAE/BA, SEBRAE/PE, Associação Comercial e Empresarial de Caruaru – ACIC etc.). Destacamos o fato de que as entrevistas com os feirantes tiveram como objetivo principal destacar trajetórias de vida, tendo em vista a possibilidade de captar, detalhadamente, as dinâmicas econômica e social, bem como no sentido de dar voz a esses sujeitos com amparo em suas trajetórias inseridas em âmbitos maiores.

No começo da pesquisa, eram grandes as inquietações sobre a natureza e escolha da escala de trabalho, ou mesmo sobre os sujeitos a serem abordados, em decorrência da heterogeneidade do fenômeno feira. Os trabalhos e pesquisas de campo foram realizados, de 2012 a 2015, em municípios dos Estados do Ceará,

Pernambuco, Paraíba e Bahia. No Ceará, foram realizadas visitas às cidades de Sobral, Frecheirinha, Várzea Alegre, Juazeiro do Norte, Pacajus, Horizonte, Cascavel, Caucaia e Maracanaú. Já em Pernambuco, efetuamos trabalhos de campo nas cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru. Na Paraíba, as visitas ocorreram nas feiras e mercado de Campina Grande. Na Bahia, os trabalhos de campo foram empreendidos nas cidades de Salvador, Feira de Santana e Serrinha.

A primeira ida a campo ocorreu no Estado de Pernambuco, no final do primeiro ano de doutorado (novembro/2012). A necessidade de maior aproximação com o objeto de pesquisa, ou seja, das feiras de confecção que ocorriam naquele Estado nos motivou a percorrer as cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, no agreste pernambucano. Essa tarefa constou de uma visita exploratória e visou a conhecermos a estrutura e a dinâmica de funcionamento do polo de confecção do agreste pernambucano, em específico, do equipamento Moda Center Santa Cruz, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe/PE, do equipamento Parque das Feiras, na cidade de Toritama/PE, e da Feira da Sulanca, parte integrante da Feira de Caruaru, na cidade de Caruaru/PE. O percurso realizado nos levou a algumas constatações. Uma delas foi comprovar que, nas feiras livres que ocorriam nas cidades por onde passamos, havia quase sempre uma parte representativa de barracas comercializando confecções. Outra verificação foi que as feiras atraem grande quantidade de pessoas, tornando-se um atrativo para a cidade. E foi em razão do grande fluxo que essas cidades retiraram os feirantes da rua abrigando-os em galpões construídos, dando solução a diversos conflitos de normas urbanas, estes, porém, permanecem sob outras proporções.

Após a primeira viagem, sem contar deslocamentos anteriores a Apazível, pela maior proximidade com Fortaleza/CE, foi organizado um cronograma de campo no período de 2013 a 2015. Durante esses três anos, realizamos outras viagens a Serrinha, Caruaru e Apazível.

Organizamos o segundo trabalho de campo para a cidade de Feira de Santana, pela sua importância como uma centralidade no interior nordestino. Neste, podemos verificar *in loco* que a tradicional feira de Feira de Santana havia sido deslocada da área central da Cidade, conforme já relatado. Foi quando descobrimos a importância da feira de Serrinha como tradicional para sua região de entorno. Ao fazermos a primeira visita a Serrinha, constatamos a expressão da produção agrícola da região no espaço da feira, porém já havendo uma quantidade significativa de barracas de confecção, chamando atenção como recorte de estudo, o que nos fez voltar outras vezes para a realização da pesquisa empírica.

Muitas vezes, aproveitamos uma mesma viagem para realizar trabalho de campo, tanto em Caruaru quanto em Serrinha, perfazendo grandes trajetos rodoviários do sertão baiano para o agreste pernambucano.

Salientamos que as pesquisas de campo nas cidades de Caruaru e Serrinha foram mais demoradas, não só por serem mais distantes, exigindo mais tempo de observação e captura de dados e informações daquela realidade, mas, também, por configurarem feiras situadas em centros urbanos, diferentemente da feira de Arazil, situada no distrito, sem maior complexidade urbana, à margem de uma rodovia, conforme detalharemos no corpo deste texto.

No ano de 2014, realizamos as entrevistas, algumas das quais foram acordadas em viagens anteriores, mas também por meio de contatos estabelecidos com representantes de associações de feirantes, de entidades de classe e do Poder Público Municipal. As viagens nesse ano também tiveram por objetivo a realização de entrevistas com os feirantes. As últimas viagens de campo foram realizadas no ano de 2015, com o objetivo de aplicação dos questionários e de complementação dos dados.

O trabalho de pesquisa contou com o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq mediante aprovação de projeto em chamadas públicas. Contamos também com o apoio institucional e direto da Universidade Estadual do Ceará – UECE, por meio da disponibilização de veículo para realização de trabalho de campo no Ceará e em Pernambuco. Destacamos o fato de que as visitas, algumas vezes, foram realizadas juntamente com nossa orientadora e, outras vezes, a co-orientadora, que se disponibilizaram a viajar conosco, quando possível, com recursos da universidade, outras com recursos próprios, percorrendo o interior das feiras, fazendo observações e dialogando conosco.

Para a elaboração dos capítulos iniciais, recorreremos a várias fontes de consulta, dentre as quais, documentos históricos, alguns em língua estrangeira, a exemplo do *Dictionnaire Analytique, Historique, Étymologique, Critique et Interprétatif de la Coutume de Normandie*, do século XVIII, com suporte nos meios eletrônicos, o que nos possibilitou acessar esses documentos, sem os quais teria sido difícil o acesso a tais fontes tão ricas e caras à discussão sobre a feira medieval.

Essa obra está organizada em cinco capítulos que compreende esta introdução e quatro capítulos analíticos e as conclusões finais. Além do corpo do trabalho propriamente dito, trazemos as referências bibliográficas.

O segundo capítulo é de natureza introdutória e trata do estado da arte, na qual recobramos a noção de feira, mercado e relação com a cidade. Os conceitos

expressos, com base nos autores consultados, foram basilares na compreensão dos elementos que caracterizam a feira como conceito. No capítulo três, abordamos a feira e suas manifestações socioespaciais no Nordeste brasileiro, destacando-a como expressão econômica e cultural na formação socioespacial nacional e nordestina do País. O capítulo quatro cuida mais especificamente, das três feiras (Caruaru, Apazível e Serrinha), objeto de nosso estudo, descrevendo a dinâmica atual e os indícios das transformações em curso.

Já o quinto capítulo, de caráter conclusivo, evidencia o que estamos afirmando como metamorfose com amparo na produção, distribuição, circulação e consumo da confecção popular que retoma a instituição feira como espaço de comércio, porém desconstituindo a feira do espaço público e pondo em seu lugar centros de comércio popular em espaços privativos. As considerações finais sintetizam o resultado de nossas reflexões, fruto da pesquisa fundamentada no arcabouço teórico pensado e da expressão empírica da feira.

